

Pedagogia social em contexto de emergência: projetos de futuro à humanidade

Social pedagogy in emergency context: future projects for humanity

Margareth Martins de Araújo*

Resumo

O artigo em tela contém reflexões teórico-práticas, a respeito da Pedagogia Social realizada pelo Projeto PIPAS-UFF no período de emergência sanitária, novos aprendizados colaborativos e instituintes, perpassados pela opção do servir ao próximo mais próximo, a partir do movimento de realizar o que podemos de onde estamos e com o que temos. Um movimento que estabelece o cuidado como categoria fundante e a formação de educadores sociais em, no e para contexto de emergências. Trata-se de uma pesquisa oriunda da senda cardíaca, que traz em seu DNA a opção pelos excluídos da nação. É a cartografia de uma pesquisa forjada no cadinho da “sofrência” humana a produzir alternativas de superação com ciência, convivência, conivência, sapiência e paciência.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia social. Educadores sociais.

Abstract

The article on screen contains theoretical and practical reflections on the Social Pedagogy carried out by the PIPAS-UFF Project in the period of health emergency, new collaborative and instituting learnings, pervaded by the option of serving the nearest neighbor, from the movement of carrying out the that we can from where we are and with what we have. A movement that establishes care as a founding category and the formation of social educators in, in and for the context of emergencies. It is a research originating from the cardiac path, which brings in its DNA the option for the excluded of the nation. It is the cartography of a research forged in the crucible of human suffering to produce alternatives to overcome with science, coexistence, connivance, wisdom and patience.

Keywords: Education. Social pedagogy. Social educator.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutorado em Ensino de Artes e Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense Coordenadora do Projeto PIPAS-UFF; E-mail: margarethmartins@id.uff.br

Introdução

A humanidade em 2020 foi assolada pela mais terrível emergência sanitária. O mundo se vê imerso em confinamento, depressão pânico, e medo, em especial o medo da morte. Nunca tivemos certeza do futuro, porém com a ameaça eminente da morte parece ser, nesse momento, mais incerto do que antes. Perdemos o chão da noite para o dia e a insegurança encontrou terreno fértil para se expandir e solidificar. Insegurança de toda ordem, em especial emocional e financeira. Como um castelo de cartas a ruir, a humanidade vê seu futuro desmoronar, os sonhos escaparem entre os dedos e, de mãos e pés atados assiste impotente ao circo de terror que se estabelecer a partir da politização do vírus. Surgem as máscaras a mudar a face da humanidade. Um EPI que, protege-adoece; ao respirarmos o próprio gás carbônico. Torna-se aberta assim, a temporada de polarização e politização do vírus sob o domínio do medo.

Instabilidades múltiplas se instauram sobre o planeta. Sob a égide do medo da contaminação pessoas confinadas ganham peso de forma inesperada e adquirem, sem sair de casa, um dos fatores de risco. Além das comorbidades preexistentes, agora em diálogo com as oriundas adquiridas no momento atual, há uma invasão da psique humana por notícias tóxicas que envenenam mentalmente o ser humano e minam sua resistência. Trata-se de um teste, cujo resultado, impacta a vida cotidiana das pessoas dando a falsa sensação de não haver saída. Desesperançada, a humanidade caminha trôpega para o futuro incerto acreditando ser a próxima vítima. Diante do caos surge o negativismo. A tristeza toma conta das mentes humanas e a depressão se faz presente como resposta a uma chamada em sala de aula.

Índices de violência de toda ordem, em especial a doméstica e abusos passam a habitar as páginas das notícias associadas aos tendenciosos dados estatísticos de perda de vida e contaminação. Um filme de terror passa a ser reprisado diuturnamente, funcionando como encucamento ideológico e, assistir televisão passa a ser fonte de envenenamento mental e um caminho seguro para o adoecimento. Como reprodutora do modelo internacional e nacional, de padrões de uma agenda da Organização Mundial da Saúde (OMS), que tem em sua presidência um biólogo e não um médico sanitário, a mídia orquestrar as ações de terror junto à população mundial, fortalecendo protocolos de saúde muitas vezes equivocados. A pessoa adoece sem sair de casa, apenas assistido a televisão. Em um cenário como esse não é difícil à enfermidade tomar conta, pois a mente capta, o coração acredita e o corpo adoece.

A humanidade já se viu as voltas com regimes totalitários como o nazismo, por exemplo, no qual o medo, associado à propaganda, era fonte ideológica de dominação de muitos por poucos. Agora a guerra é outra. A era da guerra nuclear passou a dar lugar à guerra sanitária. Não precisa de soldados entrincheirados, bombas atômicas armamento bélico. Utilizam armas bacteriológicas, viróticas e tantas outras que ainda não temos conhecimento. Somos alvo do que não vemos vítimas sem culpa. Uma guerra que não precisa de alistamento ou certificado de reservista. Somos recrutados em nossa existência, sem sair de casa e sem disparar um tiro. O simples fato de existir faz da humanidade o alvo.

Sabendo ser a vulnerabilidade uma característica humana, precisamos de cuidado ao longo da vida. Precisamos de escuta, companhia e orientação. Precisamos uns dos outros na batalha de enfrentamento contra o vírus. É nesse cadinho pandêmico que a humanidade

descobre sua fragilidade, mas não apenas. Ela também descobre sua força e potência, se percebe participe de um coletivo maior: a raça humana; e, como tal, se vê às voltas consigo e com o outro em pleno período de confinamento e afastamento social. Curioso, não? A humanidade de joelhos diante do vírus, caída coletivamente se descobre no outro. Sai de si e enxerga o próximo mais próximo: o ouro.

Como nada na vida é apenas positivo ou apenas negativo, a humanidade se tornou testemunha da cruel pedagogia do vírus (SANTOS, 2020). Trata-se de um conjunto de conhecimentos e de saberes, descoberto e colocado em prática em plena pandemia. É exatamente no movimento de luta pela vida que surgem alternativas aguerridas de sobrevivência e a humanidade ousa dar o próximo passo, vivendo um dia de cada vez. Com o peso do mundo em suas costas, os seres humanos aprendem, às duras penas, o vivido pelos excluídos em suas vidas ordinárias.

A categoria contextos de emergências (MARTINS ARAÚJO, 2015), se refere aos espaços-tempos de flagelo humano vivido, cotidianamente, pelos excluídos. Por excluídos compreendemos todas as pessoas que se encontram na linha da pobreza ou abaixo dela. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017), de acordo com pesquisa da Síntese de Indicadores Sociais revelam ser 54,8 milhões de brasileiros, ou seja, $\frac{1}{4}$ da população nacional tem renda domiciliar por pessoas, inferior a R\$ 406,00 por mês, de acordo com os critérios adotados pelo Banco Mundial: a metade do total nacional.

Nossa opção por pesquisar o eixo Educação-Pobreza, marca do nosso DNA científico, nos propiciou reação imediata ao vírus. Apesar do confinamento social, partimos de onde estávamos com o que tínhamos e, fizemos o que podemos. O Projeto PIPAS-UFF, assim que a pandemia se espalhou pelo mundo, de posse de sua responsabilidade sócio- e emocional, para com cerca de mais de 500 pessoas apenas em 2020, optou por prestar alguns serviços à população. Cada pesquisador com sua expertise, participou de plantões de dez horas por dia nos CONECTADOS (grupo de whatsapp), em funcionamento desde maio do corrente ano. Nosso lema é ACOLHIMENTO, ESCUTA E ORIENTAÇÃO. Com reflexões sobre a vida e a Pedagogia Social, cuidamos das pessoas incluindo arte e poesia. Realizamos encaminhamentos, atualização de conteúdos sobre a pandemia e doações. Trabalho altruísta fruto da percepção do homem sua inteireza. Fizemos meditação e exercícios físicos. Partilhamos alegrias e tristezas, possibilidades e impossibilidades. Praticamos a pedagogia Social pelo viés da pedagogia da convivência. Fizemos companhia uns aos outros e ativamos a humanidade em nós existente. Passamos juntos! Partilhamos o bem e a vida. Também realizaram lives sobre o tema: Pedagogia Social a serviço da Vida em e prol da humanidade, perfazendo um total de 30 lives de maio até agora. Produzimos os volumes IX e X da Revista de Pedagogia Social da faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e publicamos os volumes IV e V da Coleção de Pedagogia Social Para o Século XXI.

Há uma pedagogia que se rebela e revela em plena pandemia: Pedagogia Social. Eis a nossa face e o nosso trabalho. Pautados pelo socorro ao próximo seja na sala de aula, nas ruas, presídios ou hospitais seguimos em frente a socorrer os vulneráveis. A vulnerabilidade em sua complexidade, não apenas humana, mas também planetária, é a bússola a direcionar nossas ações. A fragilidade do ser em seus contextos de emergências nos interessa de forma peculiar. Dela nos ocupamos, pesquisamos e produzimos ciência com consciência e sapiência, com paciência, ética e estética. Estamos a serviço da humanidade, realizamos educação sem

fronteiras. Independente da classe social em que a pessoa se encontre, há sempre um lugar para a pedagogia Social.

Pedagogia social nas mídias sociais: aprendizados pandêmicos-acadêmicos

É com a chancela Freireana (1996) que escrevo este artigo, ancorada na compreensão que se impõe cotidianamente, da produção de uma ciência forjada pela coragem do binômio lutar-amar. A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem de mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar. Somos marcados por uma pedagogia guerreira, estrategista, sábia e humanizada porque, humanizante. Somos também marcados pelo embate entre paradigmas e nascemos do atrito reflexivo de posturas pedagógicas, aparentemente antagônicas, mas que ao longo dos anos, guardaram o diálogo entre si.

Por coabitam um mesmo espaço-tempo tensionado pelo saber-fazer de uma ciência moldada por seus respectivos paradigmas divergentes e emergentes, são constituídas por tensões intelectuais, sociais, políticas e históricas. Aqui inverto a ordem do binômio freireano ao afirmar que para amar é preciso lutar. Trata-se de uma opção que demanda embates, ou seja, no contexto atual em que a humanidade se encontra, não há como fazer o bem sem lutar; afinal, a cruz como símbolo do amor e a espada como símbolo da guerra, possui o mesmo formato.

Atravessadas que são pelos apelos sociais a baterem veemente a porta da universidade, chamamos para nós a responsabilidade de cuidar da temática eleita, sabedores de ser um terreno desprestigiado pela academia, embora sempre presente a sinalizar seu pedido de socorro, ajuda e parceria. O saber da Pedagogia Social, embora divergente, busca dialogar de forma ética com a pluralidade do conhecimento já produzido, sorvendo o que há de melhor, adaptando à nossa realidade. É possível afirmar, a partir da nossa concepção, não haver rupturas e sim, como aprendemos com a Física Quântica, um contínuo. Somos todos frutos de produções coletivas de realidade complexas e plurais. Fato que aponta a extremada necessidade de ausência de competição e sim, de colaboração. A unidade na diversidade se faz necessária.

Somos uma pedagogia entre séculos. Por isso utilizarmos o termo, *Pedagogia Social para o Século XXI*, sabedores que somos haver outra pedagogia para o próximo século. Ela estará nas mãos dos cientistas do próximo século mediados pelos frutos da pesquisa atual. Somos parte de uma ciência mediadora, dialógica que busca na convivência com a diferença e a multiplicidade da existência dos seres, aprender e se desenvolver. A ciência de um século não prescinde da ciência do século anterior. Ao contrário a ciência avança a partir do conhecimento já produzido. Por esse motivo a gratidão acadêmica, como dimensão epistemológica de pesquisa, se faz presente, sendo extremamente necessária a nos recordar da essência coletiva e colaborativa da humanidade. Assim deixa de ter sentido princípios materialistas na formação do pesquisador.

Pela gratidão acadêmica guardamos outra dimensão a da humildade, de fundamental importância à Pedagogia social. É por essa dimensão que nos descobrimos portadores da

necessidade do outro em nossas vidas, pessoais, profissionais e sociais. Compreendemos não haver necessidade de hierarquizar as relações, ou simplesmente segregar em nome da ciência. O apartheid acadêmico, produzido por lógicas equivocadas de produção de ciência. Regimes totalitários de produção de ciência castram a toda e qualquer forma de vida existente no planeta, inclusive a nossa, e produzem morte no lugar de vida. Estão a serviço de um modelo de sociedade, de homem e de mundo que, comprovadamente, nunca esteve a serviço da humanidade. Como denúncia escrevo esse artigo, mas também como anúncio de que outras formas são possíveis. Somos partícipes da ideia de que no *coletivo também se reina* (MARTINS ARAÚJO, 1993), e na contramão da história trazemos a Pedagogia Social como proposta para o século XXI como empreendimento científico e coletivo.

Toda palavra é polissêmica e, por causa disso, cabe aqui uma breve explanação. Para nós da Pedagogia Social da FEUFF, o sentido da palavra coletivo está ligado ao convívio com o diferente, na diversidade. Acatando todas as demandas e aprendizados oriundos dessa concepção. Sem polarizações, antagonismos ou sectarismos avançamos, a partir dos achados das nossas pesquisas no sentido de conviver com o diferente. Compreendemos ser a diferença o que temos em comum.

Afinal, somos todos diferentes. Apostamos no coletivo que abraça a diversidade humana, respeitando e incluindo de forma ética. Tem a ver com a diversidade humana e planetária, de mãos dadas. Bem diferente do sentido usado atualmente que concebe o coletivo como subgrupos dentro de um grupo maior.

Consoante Prigogine (1996), a Ciência, como empreendimento coletivo e humano, e, por conseguinte, plural traz à tona a terceira dimensão da Pedagogia Social por nós realizada. A presença do coletivo em todas as fases do trabalho a ser realizado pela humanidade, em especial, na produção da ciência. Embora formação acadêmica leve a pessoa agir de forma competitiva, hierarquizada e excludente, ao pensarmos na sociedade necessária ao século XXI, às atitudes caminham na direção oposta. Precisamos de pessoas perfiladas com outro tipo de paradigma. Contamos com a inclusão, colaboração, ética, solidariedade, partilha como alguns marcadores de uma sociedade capaz de se libertar dos grilhões da opressão que aprisionam, de forma aviltante, grande parte da população. O outro não é aposto a nós, é um conosco. Eis um grau de compreensão que precisaremos assumir para romper com a reprodução extratificadora na qual vivemos. Pensamos em um coletivo no qual as singularidades sejam respeitadas de forma dialógica e includentes. O coletivo se traduz, para nós da Pedagogia Social, como força, e não fraqueza.

A Pedagogia Social para o Século XXI é promotora de bem estar social através da compreensão, solidariedade, ética, compaixão, colaboração e esforços coletivos de sobrevivência. É uma pedagogia não apenas para os excluídos da terra, mas também para os excluídos dos afetos, sensibilidade, da delicadeza da vida da própria humanidade, apartados que são da sua essência transcendente. É uma pedagogia da reintegração, da inteligência emocional, da senda cardíaca.

A vida não para. Ela segue conosco e apesar de nós. Como se dá a formação de um professor em período pandêmico? Como se dá a vida marcada por uma emergência sanitária mundial como essa? A vida não para e precisamos nos reinventar, descobrir possibilidades inimagináveis. Há uma revolução em curso no seio da humanidade. Uma mudança de paradigma ocorre nesse momento. Olhem ao redor e observem. Tudo na vida é aprendizado é preciso extrai-los dos acontecimentos. É um processo que não se passa de uma hora para

outra. Trata-se de uma compreensão obtida através de um intenso movimento de intelegir a realidade em busca das pistas escritas no real, na e pela vida e nos debruçarmos na tarefa de dar o próximo passo. É uma estratégia de sobrevivência, em tempos de vulnerabilidades, sorver os aprendizados de tudo o que se passa.

É assim com a vida em movimento e em plena pandemia que, o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense (PIPAS-EFF), submete a realidade nua e crua da vida ao se debruçar sobre a mesma, criamos os CONECTADOS- um trabalho de acolhimento-escuta e orientação, com dez horas de plantões diários oferecidos à população, a partir da expertise de cada componente do grupo. É assim que desde março de 2020 temos a honra de entregar à sociedade um trabalho de convivência, pautado no servir, na ética e na possibilidade de enxergar possibilidade onde poucos veem. Assim seguimos com poesia, acolhimento e escuta. Não tardamos a aprender que a convivência era o ponto alto.

Nunca foi tão simples e tão complexo ao mesmo tempo. Estava e sempre esteve tudo ali ao nosso alcance. Bastou analisar a conjuntura mundial e não tardou para detectarmos, a partir da perspectiva da Pedagogia Social, a necessidade de sairmos da aparência e nos dirigir à essência. Foi quando indagamos: O que de fato está ameaçado? A resposta não tardou, era óbvia, mas no dizer de Freire (1989), o óbvio precisa ser discutido; nossa humanidade esta ameaçada. Assim sugeriram os dois projetos, não de futuro, mas de presente, do tempo presente à humanidade. O tempo presente foi presenteado com a presença, mediada por mídias sociais, dos educadores sociais. Uma ação de Pedagogia Social como educação sem fronteiras.

O segundo foi composto por duas séries de lives: Professores de Coração e Lives de Pedagogia Social. Professores de Coração, com encontros mensais, surgiu da necessidade de, em plena pandemia, celebrar a alegria docente a partir do reconhecimento do trabalho por professores que conseguem conectar o conhecimento científico com o emocional e, ensinam mais do que conteúdos escolares; ensinam conteúdos de e para a vida. Celebração, reconhecimento e atenção em um momento em que fomos obrigados a nos reinventar e tocar a vida de onde estávamos e com o que tínhamos. Não tivemos escola, ou migrávamos para as plataformas digitais ou sucumbíamos. Era questão de sobrevivência. Vivíamos duas pandemias, uma dentro da outra. O lado positivo de todo esse processo? Renascemos das cinzas. Estamos aqui!

As lives de Pedagogia Social são semanais, composta por conversas de meia hora, com educadores sociais partilhando vivências de impactos positivos junto à sociedade. É uma série de lives que teve início também em maio e, de mãos dadas com os conectados, são espaços de convivência e formação. Ali nos preparamos, estudamos, pesquisamos e produzimos conhecimento. Importa sinalizar que o trabalho realizado teve início há anos atrás e veio se aprimorando com o tempo. Durante a pandemia demos continuidade às ações já realizadas por nós.

Assim, nossa coragem de amar e de lutas caminharam de mãos dadas na busca incessante de encontrar sentido no que fazemos e na ciência que produzimos. Uma ciência que traz e seu DNA a opção pelos excluídos, a construir o dito por Martins Araújo (2015), uma Pedagogia Social a serviço da vida e em prol da humanidade avança na direção de acolher vidas, resgatar pessoas, estabelecer pactos e instaurar poder. Trabalhamos com o que

denominamos de Engenharia Humana Reversa, enxergamos vida na morte, potencia na impotência, fortalecemos humanidade.

Seguimos com paciência e sapiência, produzindo ciência com decência, entendendo ser o coletivo com sua multiplicidade e diversidade a grande riqueza de vida planetária desse tempo e dos vindouros. Enquanto esperamos a cura do mal, trabalhamos na vida que segue com desafios do seu tempo enxergando, cada vez mais a nossa responsabilidade enquanto pesquisadores junto à sociedade. Somos chamados a dar o nosso testemunho, a mostrar ao que viemos e a justificar nossa presença no mundo. Trata-se de um movimento desafiados e, ao mesmo tempo, produtor de VIDA! Afinal, a que viemos?

Considerações finais: projetos de futuro à humanidade

Olhar para a vida, no momento em que a humanidade atravessa e, pensar na educação é desafiador: é tempo de sonhar para os sonhadores. (MARTINS ARAÚJO, 2020). Nunca soubemos como seria o futuro, porém em tempos de pandemia temos a falsa sensação de que sabíamos sim. É verdade? Penso que não. Continuamos do mesmo jeito de antes. Continuamos sem saber assim como era antes. O que mudou? Mudou porque agora olhamos essa questão atravessados pela pandemia, quando tudo se relativiza ganhando novos contornos. O que fica como herança de momentos forjados a ferro e a fogo come esse, ao pensarmos na educação? Volto-me mais uma vez à Pedagogia Social. Uma pedagogia da coerência, da educação pelo exemplo e do testemunho de vida.

Vislumbro já, agora, uma pedagogia guerreira traçada por muitas mãos que escolheram trazer, o serviço em prol da humanidade, como cultura. Uma cultura não apenas escolar, mas social. Falos de um posicionamento político que, por ser amoroso testemunha o sofrimento humano como forma de emancipação. Não somos e nunca fomos vítimas. Somos autores e atores do nosso tempo e história. Reclamar não basta, é preciso agir de forma coletiva, voluntária e sem nada esperar em troca. É preciso perceber que o todo é composto por partes geradoras de uma conduta coletiva, múltipla e plural. É preciso perceber o nosso exato lugar nessa grande engrenagem chamada vida.

A vida nos é dada para ser vivida. Pelas condições materiais de existência somos forjados e podemos escolher como vivê-la dentro das possibilidades que se apresentam e escolhemos. De dentro para fora e de fora para dentro, tudo é questão de escolha. É preciso saber disso para nos responsabilizarmos por nossos atos e escolhas. Não há acaso, há trabalho, luta construção, probabilidade e possibilidades. O cenário se apresenta cabendo ao ser humano moldar sua vida. Em alguns casos, contar com a ajuda de outras pessoas é necessário.

Apenas em uma fase é preciso, depois caminham sozinhos. É aí que se faz presente a Pedagogia Social a serviço da vida, em prol da humanidade. Longe de ser apenas uma frase, é um dínamo propulsor de novas realidades, catalisador de esperança e transgressor da ordem instituída por natureza. Trata-se da pedagogia Social como ajuda humanitária. Não como bengala, mas como ponte entre o momento de impossibilidade e o momento de possibilidade.

Forjado ao longo dos anos no cadinho do sofrimento humano e revisitado em plena emergência Sanitária o projeto PIPAS-UFF, se apresenta como um braço da universidade junto à sociedade, cuidando, amparando, orientando. Produzindo escutas e sentidos

oferecendo o testemunho de uma Pesquisa Social atrelada à humanidade dos seres, em busca de superação das limitações que, por ora aprisionam nossos sonhos, castrando a liberdade, podando histórias. Porém, ao mesmo tempo a nos estimular a seguir por caminhos inimagináveis. Eis uma brecha no espaço-tempo da constituição humana. Também é momento de agir e construir, mesmo que por caminhos tortuosos, novas histórias. Existem novos sonhos a serem vividos. Ainda é tempo de sonhar para os sonhadores! Sonhar os sonhos possíveis de Freire, aquele que nos faz dar o próximo passo: Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis. Os profetas são aqueles que se molham de tal forma nas águas da cultura e da história de seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles, mais do que adivinham, realizam (FREIRE, 1987).

Realizar sonhos possíveis demanda iniciativa, coragem e opção para construir a história com o que temos, sabemos e estamos. Neste momento os sonhos funcionam como o mapeamento possibilidades. Como em uma encruzilhada é preciso se prostrar, ruminar ideias, realizar análise conjuntural e refletir sobre o caminho a seguir. Aqui, nesse espaço-tempo de realizações começam ganhar força os projetos de futuro à humanidade. Bem mais do que proposta, apostamos em ações concretas pautadas em conhecimento científico e aprendizados advindos dos processos atuais de emergência sanitária.

Molhados nas águas da cultura e da história, mergulhados na vida ordinária pandêmica da e na atualidade, pautamos para esse momento o extrato daquilo que foi aprendido, realizando que, mais do que sonhar, realizamos. O binômio sonhar- realizar nos acompanha permanentemente. É com ele que sugerimos uma agenda de projetos de futuro à humanidade que, precipuamente, considere os seguintes aspectos, frutos da pesquisa realizada de março até novembro: movimentos de superação de situações limites, olhar para o próximo em sofrimento, convivência, exercício de retorno a nossa humanidade e reintegração. Sinalizamos que se trata de características intrínsecas ao ser humano, adormecidas por séculos de materialismo desumanizante. Importa falar ainda que, todos os movimentos acontecem imbricados e sem escala hierárquica, só os separamos para melhor compreensão. Abordaremos cada um de forma breve e esclarecemos que existem outros aspectos, porém esses são os mais relevantes:

Movimentos de superação de situações limites: Compreendemos ser o movimento de superação de situações limites. É assim que a vida avança. Guardamos em nós a possibilidade de enfrentar a morte diariamente. Com o início da vida também se inicia a morte. Viver é morrer a cada dia e, como diz a letra da canção do Lenine, *a vida é tão rara*. Além de rara é preciosa. Abriga talentos, é Joia rara. Como desperdiça-la, desconsiderá-la, negligenciá-la?

Projetos de futuro à humanidade precisam considerar esse potencial da vida humana, ao propor e construir atividades promotoras de superação de limites. Todos podem superar os desafios que se apresentam. Para que isso ocorra, será preciso ter humildade suficiente para aceitar o que se passa e conviver de forma fecunda, se reinventando a partir do que se tem e pode. Nada mais é do que um convite à mudança. É como se a vida assim dissesse: De agora em diante seguiremos assim e por aqui. Seria esse um exercício de aceitação, obediência e reinvenção, a grande lição do momento? Seriam esses os nossos aprendizados? Nossas pesquisas apontam que sim.

A convivência com os CONECTADOS deixou muito claro para nós o quando é importante para o momento atual em que a humanidade se encontrar acatar as experiências

advindas desse momento, sem resistir, teimar ou protestar. Apenas acatar e viver um dia de cada vez, sem grandes planos para o futuro distantes. Planejamentos para os dias próximos e vivê-los um por vez. Perdemos a arrogância e o auto centrismo. Ganhamos humildade e coletividade. Parece-me uma troca justa, a ela devemos dias solidários de convivência em prol da nossa própria humanidade.

Olhar para o próximo em sofrimento: Olhar para o próximo em sofrimento não é tarefa fácil para nenhum de nós, mão dá para naturalizar o sofrimento. Embora estejamos todos expostos a ele, o sofrimento guarda em si certo apelo à nossa generosidade, nos estimula a sair da nossa zona de conforto e, ao mesmo tempo, redimensiona a nossa dor. Em tempos de sofrimento coletivo todos estamos sob a égide da insegurança, da tristeza, da falta de crença em dias melhora, porém são exatamente essas situações que nos levam à utilizá-la para delas sairmos, ou seja, as mesma situações que nos levam para baixo, também nos levam para cima. A Pedagogia Social tem nos ajudado a ver isso. A situação trás em si a solução. O próximo passo a ser dado na direção da superação encontra pistas na situação em si.

A prática nos exorta a olhar, ver e reparar. Olhar para o próximo em sofrimento, olhar para o próximo mais próximo não é tarefa fácil, mas necessária. Automutilação, autoflagelo são sinais fortes de que algo não está indo bem. É preciso olhar, ver, reparar. Tais sinais, geralmente, levam ao suicídio e deixam as pessoas mais próximas como parentes e amigos, por exemplo, com uma sensação de impotência e, até mesmo, culpa. É preciso estar atento aos sinais. É preciso sair das aparências e avançar à essência dos fatos. É bem verdade que muitos não permitem aproximações, se isolam e se distanciam de todos, mas isso já é um sinal.

Muitos nessa pandemia se questionam sobre o sentido da vida e passam a duvidar da existência do mesmo. Desapegados dos veículos de afeto, sabedores pela doutrina do medo que, lhes foi imposto por uma mídia atrelada a interesses escusos e orientações de ordem sanitária perfiladas com o mesmo, deixa o cenário da vida tenebroso e a lógica passa a ser: se todos morrerão um dia, porque esperar? Essa pandemia é um atentado contra a vida humana e, todas as vidas importam. Todas as formas de vida importam. Sendo ou não um processo de eugenia, o que não é matéria desse estudo, importa saber que vidas estão sendo ceifadas, de múltiplas formas, em nome do vírus. O vírus da corrupção é um deles. O da ganância também. São governantes à solta produzindo uma pandemia por dentro da outra e de múltiplas e complexas formas. É inacreditável o mal que um ser humano pode fazer ao outro. Humano?

Olhar para o outro em estado de sofrimento requer sensibilidade, amor ao próximo e exercício de generosidade. Importa ressaltar que, a generosidade é um sentimento presente na humanidade e, durante a pandemia, tem desabrochado de forma contundente e se traduz em motivo de esperança para muitos. Ela nos permite servir e auxiliar na medida da necessidade do outro. Sem nada esperar em troca.

Convivência: Conviver é uma arte e precisa ser aprendida. Aprendemos muito a respeito com os CONECTADOS. Um dos maiores aprendizados sobre a convivência foi perceber que a pandemia é também fonte de aprendizado sobre a nossa humanidade, sobre a convivência e também sobre outras formas de nos portar. A atual situação sanitária aguda mundial está a partejar outra sociedade, outro modelo de homem e de mundo. Somos seres sociais e precisamos viver em sociedade. O ideal é que seja uma sociedade saudável, pautada pelo amor ao próximo, pela compaixão e partilha.

Já é possível perceber que está se delineando, em plena pandemia, outro grupo de pessoas que, como arautos de nova sociedade anunciam relações mais éticas, humanas e solidárias. Quando isso tudo passar será a convivência se tornar o carro-chefe das relações humanas. Por mais contraditória que pareça, antes da pandemia vivíamos uma espécie de pandemônio no qual as pessoas viviam misturadas e confusas. Próximas, porém distantes. Compreender o que se passa na convivência humana é tarefa por nós perseguida, há alguns anos. Nossas pesquisas apontam ser na convivência onde se processa as relações de exclusão que tantas marcas deixam nas pessoas. Aceitar o outro em sua legitimidade, muito importa.

Quando poderíamos imaginar que o sofrimento psíquico produzido pelo *bullying* poderia produzir marcadores genéticos capazes de alterar o DNA de suas vítimas, ao ponto de passado de geração a geração? É possível afirmar que o *bullying* é apenas um produtor de sofrimento psíquico, existem muitos como é o caso do preconceito racial, da discriminação, do isolamento, entre outros. Tudo se processando na convivência, produzindo mote em vida. O conceito de mal estar social se instala na vida das vítimas e, os algozes se juntam para produzir o mal, porque dele se alimentam.

É hora de falarmos sobre a convivência como atitude a ser aprendida, como metodologia de vida. Conviver significa viver com, acompanhado por alguém ou algo, é aditiva. Indica parceria, convivência, cumplicidade. Pessoas unidas para um determinado fim. Compreende troca, organização. Exige compreensão, partilhar e exercício do bem. Tudo ocorre na busca de um sentido coletivo, onde as pessoas interagem em busca de objetivos comuns. Ali não há briga, pois os egos não competem. Há exercício de humanidade em natura.

Faz bem estar naquele espaço-tempo gestor de possibilidades de paz. Aprendemos a conviver, na convivência. Todo ser humano tem características positivas e negativas em sua personalidade. A base da vida em comunidade passa pela valorização do ser humano. Eis um exercício realizado pela Pedagogia Social e um importante aprendizado oriundo da pandemia. Eis uma constatação encontrada nos CONECTADOS, nas *lives* realizadas e nas publicações.

Exercício de retorno a nossa humanidade: O exercício de retorno à nossa humanidade foi um importante aspecto aprendido nos CONECTADOS. Era como se estívéssemos adormecidos no que se refere a esse aspecto. A correria do dia-a-dia fez com que nos apartássemos desse fator de fundamental importância. Corremos atrás de que mesmo? Para que? Para quem? A vida ordinária desprovida de relacionamento adornados de cuidado, escuta, orientação e convivência, nos brutalizou, perdemos nossas referências de cuidado e afeto. Vivemos uma vida mecânica, desprovida de sentido.

Em um sistema capitalista selvagem, como o que vivemos, um grupo de pessoas nada mais é do que um amontoado de gente, sem referência de amizade ou afeto. Importa competir, ser mais e melhor. Não há cumplicidade, muito menos pactos de convivência sadia ou regras para a partilha e comunhão. Ganha força a existem pessoas embrutecidas por um sistema composto por oportunismo, falta de caráter e exclusão. Não nos deixamos afetar pelo outro. Processos desumanizadores são naturalizados e, perda do sentido da vida adoecem os seres humanos, roubam a paz. A paz nos reorienta ao futuro e deve ser incluída na agenda de projetos de futuro à humanidade. Por falar em paz e humanidade lembrar: A paz é a única forma de nos sentirmos realmente humanos (EINSTEIN, 1981).

Com a chegada da pandemia, fomos forçados a sair da nossa zona de conforto e olharmos ao redor. Muitos compreenderam o momento atual, como oportunidade de exercitar

a troca, a partilha, a generosidade e o afeto. Descobriram a riqueza existente no servir, na convivência e na doação do seu tempo para o próximo mais próximo. Simples assim, com toda complexidade existente na simplicidade, traçaram projetos de socorro à humanidade, com o que tinham, de onde estavam e como podiam. Aqui não falamos em abrir mão da luta coletiva por bens sociais. Ao contrário, nossa luta passa a ter dimensão teórico-prática, através da qual o ser humano, ao se conectar com os demais, é concretamente impactado. Não é mero diletantismos, são ações práticas de socorro à humanidade.

Sim, a Pedagogia Social a serviço da vida, em prol da humanidade é promotora do exercício de humanidade. Percebe que precisamos uns dos outros para que o banquete da vida seja partilhado. Com os CONECTADOS aprendemos ser nosso papel diante da humanidade, contribuir, com o bom, o belo e o bem. Cada um, da sua forma peculiar, colaborar para a generosidade como forma de prosperidade no e do mundo? Eis o retorno da nossa humanidade.

Reintegração: Encontramos agora a última característica. Tão importante quanto as demais, funciona como o sonho dourado a ser perseguido por todo aquele que ama a humanidade. É o ponto mais alto a ser almejado por um ser humano. Ele existe como consequência do exercício da nossa humanidade. Trata-se de um bem a ser restabelecido na face da terra é posse humana. É preciso escolher exercer a humanidade, assumir a paz como valor e desfrutar da reintegração dos seres humanos com sua parte transcendente.

A reintegração é um direito da humanidade. Todos têm direito ao exercício daquilo que há de intrínsecos em nós. Faz parte da essência humana. É como se fossemos lembrar quem somos. É como se fosse um exercício naturalmente acolhido por todos. É tomar posse de um bem maior, força motriz de produção de conhecimentos da senda cardíaca, é da ordem do afeto, do sentir, da inteligência emocional. Obviamente levará a humanidade a outro patamar de convívio social, escolar, familiar. Será capaz de transformar o infra-humano em humano.

A reintegração nada mais é do que o retorno à nossa humanidade coletiva e planetária. Ao convívio ético com todas as formas de vida existentes no planeta. É a compreensão do nosso lugar diante da vida, em parceria com tudo o que existe e vive. Não cabe invasão e nem submissão. Cabe cooperação e comunhão. Durante muito tempo a humanidade foi privada desse bem. Foram opções paradigmáticas que fizeram com que nos perdêssemos da parte intrínseca da nossa existência e agora, a pedagogia do vírus vem anos ensinar o caminho de volta. É preciso escolher voltar. É questão de compreensão e escolha. É reforma íntima.

Falamos de quebra de paradigma, por isso tão confuso, e a de um paradigma emergente, capaz de trazer novos desafios e novos sentidos à humanidade. Fazer nova reintegração pressupõe restabelecer sentidos diferenciados a vida. Significa provocar práticas humana capazes de pensar a humanidade a partir da cultura da paz, da convivência ética entre os homens. É essa humanidade que os CONECTADOS sinalizaram à Pedagogia Social: a compreensão da unidade na diversidade que, a partir de agora, caminha de mãos dadas. Enfatizamos a reintegração como direito, não depende de convenção. A reintegração do homem à sua humanidade não é promessa. É constatação! Vamos então de mãos dadas?

Referências

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

COELHO, Monica Paranhos. **Jovens e cultura marginal: do mínimo ao máximo – derrubando muros**, / Monica Paranhos Coelho – Curitiba: CRV, 2019. 186 p. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI – v. I).

MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia social: diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

_____. **No coletivo também se reina: o pedagógico do trabalho, no trabalho pedagógico**. UFF, Niterói, 1993.

_____. **Pedagogia social: métodos, teorias, experiências, sentidos e criatividade** (organizadora) – Curitiba: 2019. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI – v. I).

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PASSOS, Jacy Marques. **Pedagogia social: teoria e prática do educador social e a expressão dos sentimentos nos abrigos e nas ruas** / Jacy Marques Passos – Curitiba: CRV, 2019. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI – v. I).

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. Editora da UNESP, São Paulo, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Edições Almedina, S.A., 2020.

SILVA, Roberto da. **Pedagogia social volume X / Tomo I** Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto, Maria Stela Santos Graciani (orgs). – 1 ed. São Paulo (SP) Expressão e Arte Editora, p. 2017. 352.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Editora Cortez, 1986.